



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**IARA MARY DA CUNHA PAZOS E  
ELIANE PINTANEL TEIXEIRA PRONDRYNSKI**

**(depoimento)**

**2005**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-117

**Entrevistado:** Iara Mary da Cunha Pazos e Eliane Pintanel Teixeira Prondrynski

**Nascimento:** Não informado

**Local da entrevista:** Grêmio Náutico Gaúcho - Porto Alegre/RS

**Entrevistadores:** Ana Paula Duarte

**Data da entrevista:** 2005

**Transcrição:** Marco Antonio Ávila de Carvalho

**Conferência Fidelidade:** Marco Antonio Ávila de Carvalho

**Copidesque:** Marco Antonio Ávila de Carvalho

**Pesquisa:** Marco Antonio Ávila de Carvalho

**Fitas:** (01 fita) 117/01-A e 117/01-B

**Total de gravação:** 35 minutos

**Páginas Digitadas:** 16

**Catálogo:** Vera Maria Sperandio Rangel

**Número de registro:** 02132/2010/01

**Número de registro da fita:** 02132/2010/01

**Observações:**

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

PAZOS, Iara Mary da Cunha; PRONDRYNSKI, Eliane Pintanel Teixeira. *Iara Pazos e Eliane Prondrynski (depoimento, 2005)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2010.

## **Sumário**

Início do envolvimento com o judô: professores, academias, clubes, por que da escolha do judô, questão filosófica; apoio da federação, dos pais, dos colegas; divulgação do judô pela mídia; ídolos no judô; técnicas preferidas; judô como esporte elitizado: equipamento, aulas; perfil das turmas: treinamento junto aos homens; adaptações do corpo com o treinamento; organização de campeonatos; ascensão do judô gaúcho: campeonatos brasileiros; promoção à faixa-preta; divisões das categorias; envolvimento atual com o judô: arbitragem, aulas; reconhecimento no judô feminino.

Porto Alegre, 2005. Entrevista com Iara Cunha Pazos e Eliane Pintanel, a cargo da pesquisadora Ana Paula Duarte, para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

A.D. – Bom, queria saber como foi o ingresso de vocês no judô, como começou?

I.P. – Eu comecei em 1975 e, o motivo pelo qual eu comecei a fazer judô, porque eu era muito tímida, usava cabelo comprido, tranças e sabe como é criança: puxa cabelo, faz isso, faz aquilo e eu nunca tinha coragem de bater em ninguém, ficava só chorando pelos cantos. Em resumo: só apanhava. Um dia eu vi uma propaganda sobre artes marciais na televisão e pedi para minha mãe me colocar porque eu achava que ali eu aprenderia a bater em todo mundo. Eu não sabia, para mim judô, karatê, kung fu era tudo a mesma coisa. Então, eu fui na primeira academia que deu a propaganda, fui lá. Primeiro esporte que eu vi, o professor estava lá - dei a sorte que era judô – e comecei a fazer. A partir daí, foi que eu comecei a fazer judô. Lógico que, depois que o tempo foi passando, tu percebe, tu aprende que não é isso aí. Tu te sente mais segura e que não é para estar batendo em ninguém não.

A.D. – Qual a idade que tu tinha?

I.P. – Doze anos. Doze para treze. No dia dezesseis de julho de 1975.

A.D. – E tu, Eliane?

E.P. – Eu comecei com quinze anos na mesma academia que a Iara, na academia Stylo<sup>1</sup>, porque a minha mãe fazia ginástica lá. Um dia ela perguntou para mim e para minha irmã se nós não queríamos fazer um esporte, uma coisa qualquer na academia. E ela pegou e nos botou na academia por pura curiosidade. Nós fomos achando que era tudo igual também, mas a gente descobriu que era diferente e demos sorte de entrar na arte marcial que iríamos nos apaixonar, pois tem outras. Eu tentei fazer Kung fu, não durei muito tempo, não gostei muito, mas o judô eu me apaixonei. Foi assim que a gente entrou, com quinze anos de idade e acho que em março ou abril de 1980.

A.D. – E quem eram os professores? Era na academia Stylo, não é?

I.P. – Não. Eu não. Quando eu iniciei, era na academia Maybucan<sup>2</sup>, hoje não existe mais. Eu sou mais antiga do que ela. Iniciei na Maybucan que era ali na Siqueira Campos<sup>3</sup>, onde tinha o antigo Hib's<sup>4</sup>. Quem é bem antigo vai [riso] saber do que eu estou falando e, depois, nós fomos para a Ruy Barbosa<sup>5</sup> que é outra milenar também. Ficava lá na Riachuelo<sup>6</sup> onde tem o shopping agora, o Shopping Rua da Praia. Só que era na parte de cima. Naquela parte de cima, era a Ruy Barbosa. Depois que nós fomos para essa academia aqui que a Eliane começou.

E.P. – É. Eu entrei direto nesta academia – a Stylo que é 1977, a federação é 1970.

A.D. – Dos professores ainda, com quem vocês começaram?

I.P. – Eu iniciei com o professor César Hernandez e, depois que ele foi para o Uruguai, - fiquei com ele até 1990 e poucos, de 1975 a 1990 – aí sim fiquei circulando um pouquinho em cada... No Inter<sup>7</sup>, no Grêmio<sup>8</sup>, na SOGIPA<sup>9</sup>, agora aqui, no Gaúcho<sup>10</sup>.

E.P. – Comigo foi a mesma coisa. Com o César de 1980 a 1990 e depois passei para a SOGIPA e estou lá até hoje. É o mesmo professor, o César. Mesma academia. Eu não passei tanto que nem ela [risos].

A.D. – Por que vocês escolheram o judô? Qual o significado do judô na vida de vocês, para vocês?

---

<sup>1</sup> Academia Stylo Judô Clube 1986

<sup>2</sup> Nome sujeito à confirmação

<sup>3</sup> Rua do centro de Porto Alegre

<sup>4</sup> Nome sujeito à confirmação

<sup>5</sup> Esporte Clube Ruy Barbosa

<sup>6</sup> Rua do centro de Porto Alegre

<sup>7</sup> Sport Club Internacional, fundado em 4 de abril de 1909.

<sup>8</sup> Grêmio Foot-ball Porto-Alegrense, fundado em 15 de setembro de 1903.

<sup>9</sup> Sociedade de Ginástica Porto Alegre - Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867. Passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre em 1942.

<sup>10</sup> Grêmio Náutico Gaúcho, fundado em 1928.

I.P. – Para mim, quando eu entrei, eu tinha um objetivo: que eu queria espancar [riso] porque eu não tinha coragem. Mas, à medida que tu vai fazendo, tu vai aprendendo a filosofia, tu vê que não é por aí e que a tua cabeça muda. Tu te sente mais segura, sabe que pode machucar alguém com aquilo que tu sabe e que aquilo que tu aprende não era para ficar batendo ou espancando ninguém. Para mim foi isso.

E.P. – E para mim... Eu, quando entrei na academia para fazer um esporte, foi porque minha mãe me perguntou e eu disse que sim e para mim tanto fazia. Aí eu descobri que gostava de fazer esporte. Descobri, fazendo judô, que eu gostava de me agitar, de treinar, que eu gostava de esporte. Com o tempo, conforme eu fui aprendendo judô, fui descobrindo sobre a disciplina dele, como funciona o judô, eu fui me apaixonando por isso, por esta parte do judô. Tanto que hoje eu procuro, sempre quando tenho um aluno, ensinar dentro da disciplina do judô que eu acho lindo e maravilhoso. Mas, a princípio, foi porque eu descobri que gostava de esporte mesmo e me encarnei nele e, mais ainda, porque eu gostei do que ele ensina na parte disciplinar, na parte de dar um bom crescimento para a criança...

A.D. – Eu tinha a pergunta também da questão filosófica do judô, se isso interfere na vida...

I.P. – Com certeza. É uma pena que a maioria dos professores está vendo só o lado competitivo. A filosofia do judô está se perdendo total. A gurizada que está vindo agora, a filosofia passa batido, mas a culpa também não é deles. Se não ensinam, eles de repente nem sabem que isso existe.

A.D. – Que é uma coisa que interfere no desempenho para melhor...

I.P. – Com certeza. Uma que tu aprende que... A gente vê muito a gurizada por aí – falo gurizada, no sentido: menino e menina – que se acham os bons, que se acham o “rei da cocada preta”, mas que, depois quando tomam uns “cravaços” bem dados, vê que não é bem por aí e aprendem a ser humildes na marra.

A.D. – Como era o apoio da federação na época?

I.P. – Olha, na minha época, as competições eram pouquíssimas, porque, quando eu iniciei o judô, era proibido, a competição era proibida para o feminino. Começou só em 1980, foi o primeiro campeonato brasileiro. Só tinha o campeonato estadual e o metropolitano. Não tinham competições na época, eram muito poucas. Em termos de apoio, quando eu fui para o brasileiro, a gente teve até um certo apoio pela federação, mas era muito pouco.

E.P. – E as competições, além de começar a partir de 1980, eram a partir de quinze anos também. A baixo de quinze anos, não podia competir, só treinar, no feminino. No masculino sempre existiu, sempre houve competições.

A.D. – E o apoio dos pais, no teu caso tu falou que foi a tua mãe que incentivou...

E.P. – E depois ela entrou [riso]. Depois que ela me colocou, ela entrou e foi até a faixa verde. Nós sempre íamos parinho. Eu acho que eu estava na roxa e ela na verde. Ela entrou logo depois e adorava também. Ela gosta até hoje e só parou porque tinha muito “roxão” nas canelas [risos]. Mas ela gosta também, a minha avó, tudo mundo. Meu pai então, fica todo bobo quando eu digo que sou campeã.

I.P. – A minha mãe também sempre me apoiou.

A.D. – E a reação dos colegas de colégio, de trabalho?

I.P. – Eu, no caso, dos colegas eu não tinha problema nenhum, eles me aceitavam normal, mas, as pessoas de fora, eu, particularmente, não falava muito que fazia judô porque tinha um certo preconceito. Achavam que tu era “sapatona”, falava em judô, eles te imaginavam um roupeiro de porta aberta, que só quem era roupeiro de porta aberta, grande, gigante, podia fazer, não que uma pessoa do meu tamanho, do meu peso, poderia fazer. Então, eu não comentava muito que eu fazia judô exatamente. Quando tu falava, as pessoas te olhavam meio assim. Então, a partir daí, eu já fiquei mais na minha. Mas, com o pessoal da minha idade da época, normal. Não tinha preconceito nenhum.

A.D. – Mas chegava a sentir este preconceito...

I.P. – Sim, das pessoas... Com certeza. Eu sentia.

A.D. – E dos colegas de treino?

I.P. – Não. Dos colegas de treino... Parceiros, sem problema. O treinamento era igual para todos. A gente vai no tatame e não tem essa de guri e guria. É tudo igual.

A.D. – Eu estava olhando os recortes de jornais ali... Como era a divulgação do judô na mídia? A mídia dava bastante apoio, como que funcionava?

E.P. – Na época, eu acredito – não é Iara? – que todas essas reportagens que tu conseguiu, foi porque o César corria atrás. Ele ia no Jornal do Comércio, ia aqui, o nosso professor ia, ele buscava. Hoje, não tem tantos recortes como ela tem aqui - se tu procurar, não vai achar. Vai achar assim, de algum atleta que está despontando. Mas isso por causa da mídia, a mídia quer mostrar – porque os professores hoje não correm atrás para fazerem uma matéria de uma atleta que destacou em uma coisa pequena. Acho que é porque o nosso professor realmente corria atrás. Hoje os professores, como a Iara disse, querem treinar muito para a competição e começam a preparar um único atleta e aquele único atleta começa a despontar e a mídia vai em cima dele porque realmente ele está se destacando, viajando. O resto fica aguardando no seu clube a sua vez [riso]. Eu acredito que é por isso que tem mais matérias antigas do que agora, porque o nosso professor corria atrás. Hoje eu não vejo correndo atrás, não vejo nem a federação correndo atrás.

A.D. – Tu vê que antes também era mais voltado para a equipe, não só para o individual...

E.P. – E também porque talvez era o feminino. Porque, se tu observares as matérias que a Iara tem ali, a maioria é feminina, da equipe feminina. Então, isso era para chamar a atenção também, um modo de divulgar o judô feminino, acho que também isso ajudou. Procurar a mídia para...

A.D. – Vocês tinham ou tem algum ídolo, um judoca que se espelha...

E.P. – O meu ídolo gaúcho que, eu estou me espelhando agora depois de velha [riso], é o João Derly<sup>11</sup>. Mas, no meu tempo que eu era jovem, brasileiro assim, eu não tinha nenhum ídolo. Mas, pelas fitas estrangeiras que a gente assiste e assistia, que eu tenho até hoje, óbvio que são os japoneses. Um deles é o Koga<sup>12</sup> e a Tamura<sup>13</sup>. São esses dois.

I.P. – É, eu também. Da antiga assim, eu tenho [risos] que eu admirava muito, ficava super vidrada quando via competindo, é o Nelson Onmura, que é lá de São Paulo. Achava ele e o irmão dele um máximo competindo. Sempre gostei muito. Agora, atualmente, não tenho nenhum ídolo não, só na antiga.

A.D. – Quais as suas técnicas preferidas? Não tem uma técnica preferida?

I.P. – Eu tenho a *Uchi-mata*<sup>14</sup>, a *Ashis*<sup>15</sup> que é uns recursos de emergência [risos]...

E.P. – É que no judô para ti ter uma técnica preferida depende da tua altura. Como nós duas somos atletas médias para pequena [risos], nós temos técnicas que procuram jogar mais por baixo da pessoa, entrando por baixo para levantar. Enquanto que, as atletas mais compridas, procuram fazer mais técnicas de pernas, técnicas mais diferentes das nossas. Não sei se vale a pena te dizer o nome da técnica... A minha é *Seoi-nage*<sup>16</sup> e a dela é *Uchi-mata*. Depende muito do tamanho do atleta.

A.D. – O judô ainda é visto como um esporte elitizado por algumas pessoas. Na época, como tu acha que era visto o judô? Era preciso muito material...

I.P. – É. Realmente, é meio complicado. Eu dou aula num lugar que é super pobre que eu levo, tenho cinco casacos e os coitadinhos treinam com os casacos e a maioria não tem, porque é caro. Mesmo que queria comprar, não tem condições. É complicado. Eu considero um esporte elitizado sim, porque qualquer kimono que tu vai comprar, menos de cem reais, praticamente, tu não encontra, principalmente se for trançado. É complicado.

---

<sup>11</sup> João Derly de Oliveira Nunes Júnior

<sup>12</sup> Toshihiko Koga

<sup>13</sup> Ryoko Tamura

<sup>14</sup> Técnica de projeção/arremesso

<sup>15</sup> Técnica de projeção/arremesso

A.D. – E, na época, como eram, como são e eram também clubes... Vocês pagavam para ter judô?

I.P. – É, no meu caso, foi o seguinte: comecei pagando, mas quando nós fomos lá para Stylo, chegou um certo ponto quando eu estava nos meus dezoito, vinte anos, a minha mãe não ia mais poder pagar. Minha mãe falou para o meu professor: “Olha, a Iara vai ter que sair porque ela vai ter que começar a trabalhar, porque a coisa não dá”. Isso já naquela época. Aí eu tive a sorte de ter um senhor, seu [palavra inaudível], que era diretor da seguradora Sul-Brasileiro, ele ouviu a minha mãe comentando isso e perguntou que, se ele conseguisse algum trabalho para mim, se eu não largaria o judô. Foi o que aconteceu. Ele conseguiu um trabalho para mim, onde eu trabalhei dezessete anos e consegui manter o esporte através desta oportunidade que ele me deu. Caso o contrário teria largado o judô como a maioria, como isso acontece direto nos dias de hoje ainda. Tem muita gente boa, muitos atletas bons, mas que tem que parar porque tem que estudar, trabalhar, correr atrás. Não tem a sorte que eu tive.

A.D. – Isso foi o que aconteceu com a Léa<sup>17</sup>. Parou porque tinha que trabalhar também.

E.P. – Eu já, quando entrei na academia Stylo em 1980 – foi a partir de 1980 que começou as competições – então, o César não cobrava, passou a não cobrar das competidoras, não é Iara?

I.P. – Eu não me lembro, porque eu não me envolvia com isso. Eu não sei.

E.P. – Senão me engano, foi assim porque eu não me lembro de ter pago judô nunca. Até hoje, nunca paguei judô na minha vida. Por isso, acho que o César não cobrava das competidoras. Ele cobrava de quem não era competidora porque estava lá, usufruindo da academia, fazendo um esporte por fazer, uma atividade física. As competidoras, que eu me lembro, ele não cobrava e, como nos éramos competidoras... E até hoje eu estou nessa, nunca paguei judô [risos].

---

<sup>16</sup> Técnica de projeção/arremesso

<sup>17</sup> Léa Maria Chaves Linhares

A.D. – Como eram os perfis das turmas? Tinham turmas femininas...

I.P. – Lá na Maybucan que, eu iniciei, para ti ter uma idéia assim, era uma média de setenta mulheres. Era um tatame *enorme*, maior do que esse aqui do Gaúcho, lotado de mulheres. Até acho que tem uma foto pequena ali. Mas *tomado* de mulher, de tudo que é tamanho, quase terceira idade, tomado. Mas existe aquela seleção natural das coisas. *Daquela* turma toda, só restou eu. Foi uma seleção natural.

E.P. – Até ela chegar na academia Stylo, acho que foi assim. Agora, quando eu cheguei na academia Stylo, a turma já tinha gurias de mais idade, não é Iara?

I.P. – Isso, porque saíam da ginástica, já trabalhavam...

E.P. – Era de quinze, dezesseis, dezessete, dezoito para cima. De quinze para baixo eram pouquinhos. Mas acho que porque, na época, não tinha divulgação que tem hoje o judô. Hoje, tem guriuzinhas... A irmã do gurizinho que faz judô já está entrando. Está bem diferente. E eram amigas, eram uma equipe, companheiras, eram bem unidas. Era legal mesmo. E uma coisa que eu acho muito importante, acho que foi uma das coisas que fez com que nós continuássemos também, não é Iara?, é que, naquela época, a mulher, como estava começando no judô competitivamente, começou a treinar com os guris. Então, nós passamos a ficar mais fortes, passamos a confiar mais no nosso treino, no nosso judô, na nossa competição. Então, isso nos incentivava – pelo menos me incentivava-. Eu gostava de treinar com os guris porque eu sentia que estava melhorando, estava pegando mais força, porque eu nunca fui adepta à musculação. Não gosto de musculação. O que eu tenho de força no meu corpo acho que foi treinando mesmo e justamente por treinar com os guris, a gente fica forte. Isso era uma coisa legal. A nossa equipe feminina gostava de treinar com os guris que era para crescer, despontar mesmo e estamos até hoje aí.

A.D. – Com o treinamento, vocês percebiam alguma diferença no corpo: desenvolvimento da musculatura, era comentado também? Como vocês recebiam...

E.P. – Sim. Tinha comentário de fora, preconceituoso eu não sei, mas realmente, o corpo muda, fica mais musculoso, as pessoas reparam e a primeira coisa que elas perguntam: “Tu faz esporte?”. Se tu diz que faz judô, elas: “Ah, que legal, esporte...”. Só isso aí.

I.P. – Eu sim. Eu sempre fui, sou pequena. Como eu tenho quase a altura da Daiane<sup>18</sup>, era estilo a Daiane. Lógico que hoje eu não sou mais. Mas eu era “socada”, “porradinha”, tanto que até hoje eu só uso camiseta assim. Eu não fico, não uso... Agora, de dois anos para cá, de tanto me encherem a paciência, desde 1975, que agora eu estou mostrando os meus bracinhos [risos]. Agora, porque antes eu sempre tive vergonha porque eram muito fortinhos.

A.D. – Como eram organizados os campeonatos na época?

E.P. – Tinha menos competições, como a Iara falou, mas tinha muito mais inscrições, atletas, justamente por causa disso, não é Iara?

I.P. – É. Tinha bastante. Só que, no feminino, praticamente, era só o nosso clube, a Stylo. Chegava com dois, três ônibus, às vezes, de mulheradas.

E.P. – E, quando era por equipe, eram três equipes no mínimo. Tinha mulher para caramba na academia.

I.P. – Era organizado assim. Mas agora eu acho que é bem mais organizado.

E.P. – Foi mudando, foi organizando, foi melhorando...

I.P. – Foi modernizando, acompanhando o tempo...

A.D. – E, na época, tinha algum outro clube, alguma outra atleta destaque que de repente acabou parando, que lutava com vocês?

E.P. – Tinha aquelas rivalidades de clube só...

I.P. – Nem me lembro que clubes eram...

E.P. – O único que tinha rivalidade com a Stylo era a SOGIPA. Agora, entre o masculino sim, teve rivalidade: Grêmio x Inter; Grêmio x SOGIPA; Inter x SOGIPA; Mas no feminino, que foi o nosso caso, a nossa rival maior era a SOGIPA. Tinha um feminino forte lá.

I.P. – Mas não tinham muitas, não tinha uma equipe...

E.P. – Elas não duraram muito. Apareciam numa competição duas ou três e, na outra, elas já não estavam mais. Esporadicamente elas iam. Não eram como nós. Nós tínhamos uma equipe fixa sempre. Toda competição nós estávamos lá.

I.P. – Eu acho, da SOGIPA, a única que ficou um pouco mais de tempo foi a Lia<sup>19</sup>, aquela pequeninha...

E.P. – A Laura<sup>20</sup>...

I.P. – É. Acho que só essas duas.

E.P. – Foram poucas as gurias que persistiam assim. Mas, perdendo sempre para nós [risos]. Pararam. Mas foi verdade. Se elas pararam, foi porque não gostaram de alguma coisa [risos]. Foi de perder. Está certo, estou brincando. Mas teve algumas que pararam porque casaram, foram trabalhar, foram estudar que, não é o meu caso [riso]. Eu não trabalhei, não estudei e sou casada com um marido que me sustenta, não precisei trabalhar. Já tive mais sorte.

A.D. – E, de certa forma, facilita de tu não ter que trabalhar...

---

<sup>18</sup> Daiane Garcia dos Santos

<sup>19</sup> Nome sujeito à confirmação

<sup>20</sup> Nome sujeito à confirmação

E.P. – E essas gurias que eu estou te dizendo, provavelmente, foi o estudo e o trabalho que fizeram elas pararem. Aliás, tem algumas delas que, estão nas competições hoje em dia, assistindo os seus filhos lutar. Tudo casada, trabalhando. Estão lá, mas assistindo os filhos.

A.D. – Como tu tinha comentado o treinamento com os homens. Existia alguma diferença entre os homens e as mulheres? A rotina de treinamento era diferente?

E.P. – Era a mesma. A gente treinava com o mesmo grupo, no mesmo tatame, na mesma hora, tudo junto. Só que nós preferia treinar com os guris porque eles são mais fortes, eles exigem mais do nosso treino. Como eles são mais fortes, a gente tem que fazer uma pouco mais de força.

I.P. – Mas o professor que dava o treino para o masculino, era o mesmo. Era a mesma coisa.

A.D. – Não sei se vocês tem algum fato pitoresco do judô, da época, do início? Alguma outra coisa para comentar que de repente eu falei aqui?

E.P. – Uma coisa que antigamente no judô feminino, não é Iara?... No tempo do César – do César para cá que eu me lembro. Antes disso não conheço – as competições... Quando íamos para brasileiros, sul-brasileiro, a gente sempre ficava em terceiro, quarto lugar. Sempre dava Rio de Janeiro e Minas Gerais. Hoje não. Hoje o Rio Grande do Sul está bem melhor classificado.

I.P. – Mas uma coisa que aconteceu foi quando nós fomos a primeira vez campeãs brasileira por equipe, foi lá na SOGIPA, em 1989, não foi? Foi a primeira vez que o Rio Grande do Sul fui campeã por equipe, que nós ganhamos o pesinho. A partir daquele momento, o Rio Grande do Sul já começou a não... Antes a gente via, porque tinha um trauma: via o símbolo de São Paulo “Bah, já está perdido tudo”. E o César que fez? Trabalhou a nossa cabeça anos e anos para que a gente conseguisse superar isso. Porque antes olhava aquele símbolo e já achava que estava perdida a competição. A partir de quando a gente começou a trabalhar a nossa cabeça a esse ponto, que quando a gente chegou a ser campeã brasileira por equipe, a partir dali, desencantou, a “bruxa” sumiu.

A.D. – Como foi a promoção à faixa preta, como que foi o preparo?

I.P. – Para mim, foi o seguinte: como eu ia para o mundial, em 1980 eu era faixa marrom, eles me deram a faixa preta para eu ir para o mundial.

E.P. – E eu, em 1986 foi quando eu passei para a preta, eles me convidaram a fazer exame porque eu fui campeã brasileira naquele ano. Eles me convidaram, porque eu nem tinha intenção de passar para a faixa preta. Por mim, nem sabia que estava na hora, que podia passar de faixa, já estava com cinco anos de judô. Eles me convidaram, fiz os cursos, passei e peguei a faixa preta.

I.P. – O legal é que só em 1980 que teve o nosso primeiro campeonato brasileiro que até então a gente penava muito. Pedíamos para o César fazer competições. Eles só faziam competições internas e, muitas vezes, não tinham muitas gurias para fazer. Aí, no nosso primeiro campeonato brasileiro, eu fiquei em primeiro, fui a primeira campeão brasileira do estado, a Tirzha<sup>21</sup>, que agora também tem o filho dela, ficou em segundo e a Sandra<sup>22</sup>, o Inter, que ficou em terceiro. Fomos nós que tiramos... Depois sim, nós fomos conquistando, aos pouquinhos fomos indo também.

A.D. – Até pela quantidade de atletas na época, como que faziam as divisões por categorias? São as mesmas ou até tinha menos?

I.P. – Não mudou muita coisa. Eu sempre joguei até 52kg. Só que antes era “pena” e “pluma”. Mudou os nomes. Agora é “super-ligeiro” e o “ligeiro”. Sempre joguei até 52kg e jogo até hoje. Antes era 48kg.

E.P. – 48kg é “ligeiro”, depois “super-ligeiro”, “leve” é 57kg. Eles mudaram, aumentaram uns pesinhos. Mas não mudaram muita coisa. Nesse caso não mudou nada, continua o mesmo número de categorias.

A.D. – Mas nem sempre todas as categorias eram preenchidas em todos os campeonatos?

---

<sup>21</sup> Tirzha Barbosa Gonçalves

<sup>22</sup> Nome sujeito à confirmação

I.P. – Quando nós íamos, íamos com a equipe fechada. Os outros estados também. A não ser no “pesado”, não é Eliane?

E.P. – É. No “pesado” antigamente tinha mais dificuldade.

I.P. – Que é ainda. Pelo menos aqui no estado...

E.P. – O “peso-pesado”, se tu for ver hoje, nem é adulto. É juvenil, tudo criança.

A.D. – Mais alguma coisa? Alguma coisa engraçada?

E.P. – Não se te interesse ver isso. Hoje em dia, além da gente competir e treinar, a gente também arbitra. Nos tornamos árbitros de judô também.

I.P. – A gente continua competindo, vamos para o máster, agora é “velhaster” [risos]...

A.D. – E o judô tornou-se também trabalho para vocês?

E.P. – Na parte de arbitragem sim. Para a Iara, ela dá aula e eu dou uma de *personal training* no final do ano para quem vai fazer exame para a preta. Pego os guris faixas marrons e dou uns treinos particulares para eles, do curso que eles precisam fazer para pegar a preta. Só essa parte. Durante o ano eu não trabalho com escolinha, só a Iara.

A.D. – Como tu sente dando aula hoje, esse significado que o judô tem na tua vida, na vida de vocês?

I.P. – Eu procuro passar para eles tanto a parte da filosofia que eu cobro muito. Tudo que eu sei, eu procuro passar para eles. Lógico, de acordo com a capacidade da cada um. É muito legal tu perceber... Tu recebe uma criança de uma forma e tu vê a transformação do comportamento deles. Esse é o melhor prêmio que tu tens. É tu vê que a criança entra com um comportamento e a medida que ele vai passando o tempo, tu vai vendo que ele vai acompanhando, que vai assimilando e vendo que o judô realmente tem uma certa disciplina, filosofia. É muito legal. É o melhor prêmio que a gente tem.

A.D. – Vocês tem bastante importância para o judô gaúcho, de ter iniciado e ter persistido este tempo todo, vocês sentem isso, de saber que realmente são importantes...

I.P. – Eu para mim. Pelos outros eu não sei se eles acham ou não. Eu sei que eu sinto orgulho de mim mesma por ser parte de uma história. Fui a primeira campeã brasileira, primeira faixa preta. Então, para mim, isso aí está feito. Eu já conquistei... Nem sonhava. Quando eu entrei no judô, não tinha esse objetivo nenhum. O negócio era fazer e tudo mais. Tanto que era só até a faixa preta. Depois o resto veio de lucro. O resto tudo é lucro.

A.D. – Tu chega a sentir falta de um reconhecimento maior ou isso não chega a...

I.P. – Não. No início, eu até sentia, mas depois eu comecei a pensar: “Iara, quem tem que te valorizar é tu mesmo. O resto, deixa passar batido”. Eu sei o que sou, o que conquistei. Os outros se quiserem saber tudo bem. Se não quiserem também, não vou morrer por isso. O legal, uma coisa maravilhosa que o esporte dá, é a amizade. São os grandes amigos. Inclusive essa “bruxa” aqui [risos].

E.P. – É. Se não fosse o judô, eu não conheceria ela. Aliás, no meu aniversário quinze anos, ela foi. Ela, a Sandra, a Tirzha. Eu nem sabia quem eram essas gurias. Quem convidou ela foi a minha mãe, porque conhecia elas da academia, porque a mãe fazia ginástica e elas judô. Depois os meus quinze anos que, foi que a mãe me convidou se eu queria fazer judô, foi que eu conheci elas. Elas foram nos meus quinze anos sem eu saber quem era. Dali em diante, a gente ficou amiga, até hoje. Até com as que pararam que, hoje não estão treinando, a gente continua se vendo, falando, somos amigas, arbitrando os filhos delas [risos].

A.D. – E tu Eliane, sente falta de um reconhecimento ou também pensa na mesma linha...

[FINAL DA FITA 117/01-A]

E.P. – Mas já que é reconhecido, está ótimo. Se não reconhecer, como disse a Iara, também não tem problema nenhum. O que importa é que eu consegui fazer uma coisa que eu gosto

e estou fazendo até hoje. Isso para mim é o que importa. Se os outros reconhecerem, muito bom, legal mesmo. Se não reconhecerem, sou amiga deles igual [risos].

A.D. – Vocês casaram, tiveram filhos. E a escolaridade de vocês, chegaram a fazer faculdade?

I.P. – Eu casei, me separei, fiz faculdade de educação física.

A.D. – Isso interferia no judô? Como conciliava o tempo?

I.P. – Para mim foi difícil, porque eu trabalhava, estudava e treinava. Então, o que eu fazia: ia para a faculdade, chegava umas cinco e meia na faculdade, treinava sozinha com uma árvore. Corria, fazia todo o meu preparo. Tanto que quando eu fui para um brasileiro passei o ano todo treinando sozinha. No sábado que tinha o treinamento, aí que eu conseguia ter o contato com o tatame e com as gurias. Caso contrário eu passava treinando sozinha. Eu e uma árvore, sozinha. Árvore mesmo. Eu, árvore e uma borracha. Lá no IPA<sup>23</sup>. Chegava cedo no IPA, corria, fazia o que tinha que fazer e treinava, fazia minhas entradas todas na minha árvore predileta lá, uma árvore específica.

E.P. – Colocava uma borracha para fazer de conta que eram os braços e fazia ali...

I.P. – Imaginava que estava treinando com alguém. No início foi muito difícil. Eu lembro que eu chorava, porque sentia a falta das gurias, sentia sozinha. Mas, quando tu tem um objetivo na cabeça, tu vai e tu faz. Como a gente treinava no sábado, matava a saudade das gurias no sábado. Mas foi bem difícil.

E.P. – Eu parei no segundo grau que, hoje, é ensino médio. Me casei e não tenho filhos. O meu é bem curtinho [riso].

A.D. – E sempre continuou no judô?

E.P. – Sempre. *Nunca* parei...

I.P. – Se torna um vício, um vício bom...

E.P. – Depois que eu entrei em 1980, estou até hoje.

A.D. – E a tua irmã?

E.P. – A minha irmã parou porque, quando ela casou, teve filhos e teve que parar. Ela deu um tempinho, aquela idade que dá para deixar a criança sozinha, e voltou de novo. Foi em 1993. Não me lembro quando ela parou, mas voltou em 1993, foi quando ela pegou a preta.

A.D. – Muito obrigada mais uma vez.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

---

<sup>23</sup> Instituto Porto Alegre – Rede Metodista de Educação do Sul